

Com menor número de vagas abertas, desemprego volta a subir em janeiro

Por Bruno Villas Bôas e Estevão Taiar

Uma das boas notícias do ano passado, a recuperação do mercado de trabalho perdeu fôlego nos últimos meses de 2017 e no início de 2018, já descontados os efeitos sazonais do período. O motivo foi o menor ritmo de geração de vagas, sobretudo no setor informal. Apesar disso, analistas ainda traçam um cenário positivo para o ano, com redução gradual do desemprego e a geração de postos formais.

Conforme dados divulgados ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a taxa de desemprego foi de 12,2% no trimestre concluído em janeiro, acima do trimestre móvel de dezembro (11,8%). O aumento da taxa era amplamente esperado pelos analistas do mercado, devido à sazonalidade do período. O início de ano é marcado pela dispensa de temporários, contratados no fim do ano anterior.

Perda de fôlego

Mercado de trabalho melhora mais lentamente

■ Evolução da taxa de desemprego Em %



■ Renda média real Em R\$



Fonte: IBGE

INFORME

O problema é que, mesmo expurgadas essas influências sazonais, a taxa de desemprego não melhorou. De acordo com o Itaú Unibanco, a taxa dessazonalizada foi de 12,5% no trimestre concluído em janeiro, 0,1 ponto percentual acima do quarto trimestre do ano passado. Para os analistas do banco, o ligeiro aumento da taxa de desemprego foi influenciado pelo menor ritmo de geração de vagas e o ingresso de mais gente no mercado. "O mercado de trabalho melhorou no segundo trimestre e no início do terceiro, com famílias se ocupando em trabalhos informais. Era uma espécie de saída para o emprego sem carteira assinada. Isso vem perdendo força. A ocupação cresceu só 0,3% frente ao trimestre concluído em outubro. Está em desaceleração desde o terceiro trimestre do ano passado", afirmou Artur Manoel Passos, economista do Itaú Unibanco.

Além disso, a taxa de desemprego divulgada pelo IBGE ficou acima das expectativas de 20 analistas de bancos e consultorias consultados pelo Valor Data. Eles previam, em média, avanço da taxa para 12% no período, o que sinalizaria um aumento mais moderado em relação ao fim de dezembro. O resultado ficou, no entanto, dentro do intervalo das expectativas, de 11,8% a 12,2% para o período.

O economista Daniel Silva, da Modal Asset, concorda que a recuperação do emprego parece menos intensa e que a taxa mostra-se "mais ou menos estável nos últimos seis meses", na faixa de 12,5% ao ano. Além do menor crescimento do emprego informal, ele vê uma maior pressão de oferta de mão de obra no mercado, com pessoas deixando a inatividade para buscar vagas. Para os próximos meses, analistas projetam uma recuperação gradual do emprego. Rafael Leão, economista-chefe da Parallaxis Consultoria, prevê a taxa média de emprego recuando para 11,2% na média deste ano, abaixo da taxa média de 12,7% registrada no ano passado. Segundo o economista, essa melhora vai se mostrar mais consistente "somente a partir do terceiro trimestre".

Já o Itaú prevê a redução da taxa de desemprego dessazonalizada dos atuais 12,5% para 11,7% ao fim de 2018 e 10,7% ao fim de 2019. O banco estima que 1,1 milhão de empregos formais serão gerados no ano. A consultoria Pezco, por sua vez, projeta a geração líquida 1 milhão de postos formais, considerando os dados coletados pelo Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged). "Acho que vamos ter uma ideia mais clara sobre essa trajetória a partir do segundo trimestre, após o período de dispensa de temporários", disse Yan Cattani, economista da Pezco.

Uma notícia positiva das estatísticas divulgadas ontem pelo IBGE veio do emprego formal, com carteira assinada. No trimestre encerrado em janeiro, o emprego no setor privado com carteira de trabalho foi de 33,296 milhões de pessoas, estável frente ao trimestre móvel anterior. Foi o melhor início de ano do emprego formal desde o início de 2014, quando houve uma expansão de 0,5%. Segundo Cimar Azeredo, coordenador de trabalho e rendimento do IBGE, a interrupção das perdas do trabalho com carteira assinada é algo

INFORME

positivo, embora considere cedo para falar em tendências de recuperação. "Quando começarmos a ver geração de vagas, aí sim, poderemos falar em recuperação. As vagas ainda não estão surgindo", disse Azeredo, lembrando que foram perdidos 3 milhões de empregos formais em três anos. O rendimento médio real seguiu em campo positivo. Ele cresceu 0,9% em termos reais na comparação ao trimestre móvel encerrado em outubro, para R\$ 2.169. Já a massa salarial cresceu 1,1% na comparação ao trimestre móvel anterior, para R\$ 193,8 bilhões. Esse indicador, que consiste na soma dos salários, costuma ser um bom indicativo da evolução do poder de consumo das famílias

Produtividade da indústria registra alta de 4,5% no ano

A produtividade do trabalho na indústria de transformação cresceu 4,5% em 2017, após dois anos de ganhos tímidos, de 1,6% em 2016 e 0,4% em 2015, informa a Confederação Nacional da Indústria (CNI). No quarto trimestre, o aumento foi de 1,3% sobre o terceiro. A produtividade do trabalho é medida pelo volume produzido dividido pelas horas trabalhadas. Em 2017, a produção aumentou 2,2% para uma queda de 2,2% nas horas trabalhadas. Esse indicador cresce desde o segundo trimestre de 2016, segundo a entidade, acumulando nesse período - de recessão - aumento de 9,2%.

A CNI observa que de 2007 a 2017, a produtividade subiu 8,4%, mas enquanto o indicador caiu 0,7% na primeira metade do período, cresceu 9,1% na segunda metade. "As razões para o crescimento recente da produtividade merecem uma investigação mais profunda. No entanto, é provável que resulte da mudança de comportamento tanto das empresas quanto dos trabalhadores em decorrência da crise econômica", diz a entidade, em nota. Entre as explicações possíveis está o chamado efeito composição, em que empresas menos produtivas fecham em razão da crise, e o efeito comportamental. Também faz parte desse efeito o fato de que, forçadas a reduzir a atividade e o número de colaboradores, as empresas buscam reter os trabalhadores mais produtivos e dispensar os menos produtivos.

O efeito comportamental se relaciona à busca pela sobrevivência. Durante a recessão, pressionadas pela queda na receita, as empresas buscam ser mais eficientes e reduzir custos. A queda no ritmo de atividade também facilita mudanças na gestão e reorganização produtiva. A indústria investiu em melhora de processos mais que em aumento de capacidade. Segundo a pesquisa "Investimentos na Indústria", em 2010, 32% das empresas investiram para aperfeiçoar ou abrir novo processo produtivo, e 53% buscavam aumentar ou manter a capacidade. Em 2014, o investimento em processos alcançou 47%, enquanto o investimento em capacidade caiu para 35%.

(Fonte: Valor Econômico – 01/03/2018)

3

Renda domiciliar avança apenas 0,46% em 2017

MÔNICA BAPTISTELLA - SÃO PAULO

A renda domiciliar per capita teve aumento de apenas 0,46% em 2017 em relação a 2016, segundo cálculo do economista da Fundação Getúlio Vargas (FGV), Alberto Ajzental. Com a manutenção do alto nível de desemprego, esse rendimento pode ainda recuar neste ano. O valor nominal mensal ficou em R\$ 1.268,00 no País no ano passado, segundo cálculos da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (Pnad Contínua), divulgados ontem (28) pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Em 2016, a renda domiciliar per capita era de R\$ 1.226,00.

Segundo o economista Alberto Ajzental, ajustando o valor nominal apresentado pelo IBGE com o Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) de 2017, o aumento da renda foi pequeno em relação ao ano anterior. “Apesar do decréscimo da taxa de desemprego apresentado em 2017, o saldo de novos empregos gerados é muito pequeno. Em 2018 não há cenário econômico que possa absorver a massa de desempregados. Com isso, o salário individual e a massa salarial tendem a cair, uma vez que a oferta de empregados é maior enquanto o salário oferecido a eles é menor”, disse. Além do baixo crescimento da renda per capita, há uma considerável discrepância nos valores médios entre as unidades da federação. O maior rendimento foi registrado no Distrito Federal, de R\$ 2.548, enquanto a mais baixa era a do Maranhão, de R\$ 597.

Para o coordenador de Trabalho e Rendimento do IBGE, Cimar Azeredo, essa diferença é causada principalmente pelo alto salário do funcionalismo público no Distrito Federal em contrapartida ao grande número de empregos informais encontrados em estados do Nordeste do Brasil. Em São Paulo, a renda per capita nominal alcançou o valor de R\$ 1.712 em 2017 e no Rio de Janeiro R\$ 1.445. A renda domiciliar é calculada pela divisão dos rendimentos domiciliares pelo total dos moradores e leva em conta a soma dos proventos do trabalho e de outras fontes recebidos por cada morador.

Massa salarial

Porém, no caso da massa de salários em circulação na economia, houve alta de R\$ 6,754 bilhões no período de um ano. “O aumento da população ocupada resulta nesse aumento”, explicou Cimar Azeredo. A massa de renda alcançou R\$ 193,827 bilhões. A renda média subiu 1,6%, alcançando o valor de R\$ 2.169.

(Fonte: DCI – 01/03/2018)